GRUPO DE ESTUDOS DE
HISTÓRIA SOCIAL
Círculo Alfa de Estudos Históricos

A Lúta Social
Órgam Operário - Livre

Manaus , I de Novembro de 1914
AN0-1.o N.o 6
Amazonas - Brazil
Redator · responsavel
TERCIO MIRANDA

CADERNOS DO
GRUPO DE ESTUDOS
DE HISTÓRIA SOCIAL
vol 1 – n 5
2017



São Paulo



O GRUPO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA SOCIAL é a divisão de pesquisa e publicações do CÍRCULO ALFA DE ESTUDOS HISTÓRICOS : associação sem fins lucrativos fundada em São Paulo em 1986 com a finalidade de incentivar o estudo do desenvolvimento histórico das sociedades e das culturas, de promover a compreensão das obras e atividades humanas em suas relações com o meio social.

O GRUPO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA SOCIAL reúne pesquisadores e especialistas da história da formação social brasileira, da história do movimento operário e dos temas da modernidade e da cultura contemporânea.

Os CADERNOS DO GEHS tem como objetivo divulgar os documentos do acervo do Círculo Alfa de Estudos Históricos, bem como contribuições de sua equipe de pesquisadores e demais estudiosos associados aos nossos objetivos.

contato: gehistoriasocial@gmail.com
blog: www.gehistoriasocial.blogspot.com.br



Círculo Alfa de Estudos Históricos
São Paulo

A Luta Social - órgão operário livre, Manaus, 1914

A brevíssima notícia sobre Tercio Miranda, "redator responsável" de **A Luta Social**, no *Dictionnaire International des Militants Anarchistes* (http://www.militants-anarchistes.info/spip.php?article11521) o identifica como operário gráfico, integrante do conselho de administração do sindicato dos trabalhadores gráficos de Manaus e membro da Confederação Operária Brasileira.

A Luta Social foi publicada em Manaus em 1914. Ano de crise que marcou o início do declínio da economia da borracha devido às restrições que a guerra na Europa impunha ao comércio transatlântico e devido à perda do monopólio mundial da cultivo do látex. A rápida ascensão da economia da borracha fizera de Manaus um vigoroso centro comercial e polo de imigração atraindo comerciantes, empreendedores, técnicos e profissionais de vários ramos bem como trabalhadores manuais de várias regiões do Brasil, principalmente do Nordeste, e da Europa. Muitos destes trabalhadores estrangeiros traziam consigo as experiências e as concepções das lutas sociais desenvolvidas e amadurecidas em seus países de origem. Na capital amazônica se acumulavam as oportunidades e os desequilíbrios (sociais, ecológicos, etc) de um crescimento acelerado. A este seguiu-se o impasse, a crise e um relativamente rápido declínio.

Tanto na ascensão quanto no declínio as desigualdades de condições, de oportunidades, de organização e poder entre grupos urbanos e classes sociais se fizeram sentir amplamente gerando conflitos vários. Na vanguarda da luta pela organização dos trabalhadores na capital amazonense se destacaram os trabalhadores gráficos e, entre eles, os militantes anarquistas e anarcossindicalistas.

A Luta Social foi órgão destes trabalhadores e militantes que reivindicavam a ação autônoma da classe operária de criação e defesa de direitos diretamente relacionada à crítica do capitalismo, associando deste modo o local ao global, concebendo a luta cotidiana pela sobrevivência material como base ou momento da luta pela cidadania política ampla e geral, isto é, pelo direito à autodeterminação, relacionada ao processo histórico geral de desenvolvimento e superação da ordem social capitalista.

Demais números de **A Luta Social** podem ser consultados no endereço:
http://jornais.cultura.am.gov.br/?m=resultadopalavra

Carlos Malavoglia

A Lúta Social

Manaus, 1 de Novembro de 1914

ANO—1.º N.º 6

Amazonas — Brazil

Redator - responsavel
TERCIO MIRANDA

ORGAM OPERARIO — LIVRE

Aos nossos leitores e aos camaradas.

Devia este numero ser publicado com 8 pajinas e como omenajem a Francisco Ferrer, assassinado barbaramente na conservantista e racionaria Espanha, circularia no dia 13. Porém, em virtude dum incidente, que no dia 10 vitimou o nosso companheiro Tercio Miranda, pelo qual até agora não saíu do seu leito, resolvemos, fazer uma edição de 6 paginas.

O n.º 7 publicar-se-á logo que aquele nosso companheiro, possa saír de casa, pois conforme o seu desejo, deve o nosso jornal ser ilustrado com um retrato de Ferrer, cuja ezecução ele ha-de concluir.

Manáos, 31 de Outubro de 1914.

O GR. «LUTA SOCIAL»

SERENAMENTE

No meio das maiores convulsões ou os mais iminentes perigos, eu nunca perdi a calma; e se digo serenamente, é porque pretendo fazer algumas objeções, agora que todos estão refeitos de qualquer pequeno susto, originado pela acidentalidade duma refrega mal sucedida ou a incerteza do seu papel, ante uma espétativa que se erguia aos olhos de todos.

A greve do *Amazonas* está perdida e o seu diretor, com o seu cinismo aliádo á falta de dignidade e de escrupulos, zombando daqueles que tiveram a veleidade de acreditar nas suas falas e deixar acumular nas suas mãos, algumas semanas que não receberam, vem ainda dizer criminosamente, que não deve nada. No entanto o dinheiro roubado, sim, — roubado, por essa creatura de peor especie que os bandoleiros calabrezes — orça por 6.000$000 (seis contos de reis).

Já no numero anterior do nosso jornal, se disse, que a tática seguida, ou por outra, a preparação de gréve, não foi o que devia ser. Porém o principal prejuizo não foi esse. O principal prejuizo fôi devido á falta de compreênssão de deveres dos nossos camaradas: fôi só pela má interpetação da solidariedade. Mas como praticar o contrario se apenas uma pequena parte da classe compreênde o seu papel e se ainda entre estes encontramos alguns incapazes dum sacrificio e embuídos duma pussilanimidade atroz?

Todos se devem lembrar, pois não é muito o tempo passado, que desde a fundação do «Sindicato dos Trabalhadores Graficos», quando eu me fazia ouvir, mostrava a necessidade de uma áção consciente, para a imancipação, mas nunca me esquecia de dizer, que o nosso primeiro trabalho, devia ser o levantamento moral da classe. Precisava-mos da adesão de toda a classe, que não é grande afinal, para estreitarmos indestrutivelmente, os laços da solidariedade, indispensavel á nossa vitória. Mais que uma vez, como secretario geral do Sindicato, eu fiz sentir que a nossa agrupação, não podia assumir a responsabilidade de qualquer movimento, por se sentir ainda sem forças. O resultado seria negativo, e os nossos adversarios, — adversarios sim: porque os temos e muitos, e infelizmente na classe — teriam ensejo para apontar a nossa invalidade. Porém, fazia sentir, que se o pessoal de alguma casa tipografica, tivesse necessidade de abandonar o trabalho, por qualquer motivo, o Sindicato prestaria o seu apoio. O Sindicato por sua vez, resolvia que só ás respétivas corporações competia iniciar qualquer movimento. E é depois disto qne se declara a gréve no *Amazonas*.

Curvados ao pezo das fadigas diarias, aumentadas pela miseria em que viviam, com uma reduzida alimentação, se é que alguns dias ela não faltava, esses escravos, mais infelizes que os da antiga gleba, não poderam por mais tempo suportar o seu vexame e abandonaram o trabalho. Nem todos, por motivos varios estavam sindicados, mas todos assinavam o officio, em que a corporação daquele jornal reclamava aussilio. Sem reparar sequer nessa particularidade, a todos o Sindicato abriu as suas portas, abraçando aqueles companheiros. Mas, que fazia o restante da classe? Nem ás nossas reuniões compareciam.

Houveram manifestações sinceras de solidariedade, que traduziam bem a firmeza de consciencia e de caráter. Houve ainda quem quizesse *gréve jeral* e francamente éla era a unica garantia de vitória. Mas aqui eu puz-me ao lado dos que vacilavam fui contra a gréve jeral.

O mais alto e sagrado dever, o dever da solidariedade, devia despertar logo no sentimento de todos, a ideia dum levantamento jeral. Mas como fazel-o?

Acaso a classe se convenceu já de que devia ser mais altiva, que não se devia submeter a creaturas que pediam para que não se frequentasse o Sindicato? Não se deixam ainda oje, muitos companheiros, guiar por tais conselhos, como certos irracionaes se deixam guair pelas varas dos seus guardas?

Sim; a nossa classe tem o seu cerebro embuido duma grande dose de servilismo e submissão; e emquanto que viver em tal paralelismo, ela nunca se levantará. Olhêmos por exemplo para a *Imprensa Oficial*.

Acaso vimos da parte daquela corporação algum pequeno jesto de revolta, que traduzisse um simples laivo de dignidade ou o mais insignificante bislumbre de caráter moral?

Os graficos daquele estabelecimento do Estado, tinham umas certas semanas em atraso, quando lhes fôi comunicada, uma redução nos seus salarios, mas depois de serem regularisados os seus dévitos. Conformaram-se e nessa semana receberam logo quatro folhas, o que deu motivos a rigojisos. Mas na semana seguinte, logo no seu começo, um *decreto* baixado informava que desde aquelle momento, ficavam a perceber pela redução feita. Nessa semana receberam uma folha e na semana seguinte não houve dinheiro, ficando cinco folhas em atrazo.

Quem protestou? Acaso a corporação se manifestou contra o logro de que fôi vítima?

Todos se submeteram afinal. E se alguns camaradas manifestaram o seu protesto fôi intimamente ou entre um ou outro em quem tinha confiança.

Devido ao servilismo e á incons-

ciencia de certos elementos, não se podem ali entender como camaradas, aqueles que são companheiros no trabalho. Não ha confiança entre si.

Têm sido os camaradas daquele estabelecimento o maior estorvo á obra do Sindicato e portanto da classe. E o mesmo receio, a mesma incerteza, entre os graficos da *Imprensa*, eziste tambem entre os que estão por fóra. E se não fôsse esse facto, a classe poderia ter uma vida mais desafogada.

A classe está convencida de que a *beneficencia* não traz beneficio algum. A prova é que abandonaram o seu organismo, ainda ezistente, com tal fim. Convencidos todavia, que o simples organismo de resistencia era o unico que lhe convinha, fôi ingressando no seu respétivo Sindicato, alimentando novas esperanças.

Eis que tudo corria na melhor armonia, principiando o cultivo pela Solidariedade. Uma parte da classe, fórte e persistente, continuáva no seu afam, e a outra parte, mesmo quando nós estavamos no auje do entusiasmo, pelo sucesso dos trabalhos, juntavam á sua inanimidade, não a acintósa critica, mas o criminôso e desalentado:—Não vai! Não vinga! Isso não vale nada!

No entanto sem o reparo destes perniciósos camaradas, os patrões preocuparam-se algo com a áção que o Sindicato ia desenvolvendo; mostravam-se mesmo embaraçados e apreensivos, com o numero crescente das adesões, que semanalmente, ás suas reuniões, vem chegando. Se estes camaradas quizessem abrir os *olhos de ver*, veriam que estando todas as casas tipograficas, á ecéção dum jornal, atrazadas com os seus operarios, começaram a pagar uma e duas semanas todos os sabados. Como primeiro já não iam os nossos camaradas, para casa nesses dias, com vales de 5$000 ou 10$000 reis, e muitas vezes sem dinheiro, para no domingo dárem café á sua companheira e seus filhos. Oje depois de terem sentido as pulsações, o estado danimo dalguns camaradas, já se vão novamente atrazando, querendo voltar ao antigo rejimem. O *Tempo*, jornal do governo, onde uma parte do seu pessoal recebe pela folha da *Imprensa Oficial* e a outra pela sua propria folha, esta-se atrazando tambem.

O insucesso do *Amazonas*, parece ter trazido desanimos a alguns camaradas. Não é caso para isso. A derrota operada é uma lição e em vez de se afastarem da luta, estudem melhor a áção para o futuro.

As classes operarias, devem contar sómente com as suas forças. Isso tem sido constantemente demonstrado e mais uma vez ficou provado agora comnosco. Querendo alguns camaradas, depois de verem que com o nosso esforço nada se fazia, que recorressemos aos tribunais, tiveram a confirmação do que tantas vezes dissemos: —*A justiça das leis, não vale nada, só têm valôr na aplicação contra nós.* Sinão vejamos:

O diretor do *Amazonas*, que na escala zoolojica, não tem classificação, tem-na todavia na escala onorífica da sociedade. Como toda a gente, é *doutor*, muito embora não tenha grau em qualquer faculdade. E' apenas um solicitador mas, como omem que é de tribunal, tem a solidariedade dos seus colegas, muito embora não sejam colegas.

Desanimar, portanto, neste momento, seria o maior dos crimes. Sem persistencia nada se faz. Univos camaradas e segui firmes e sem receios, pela estrada aberta á vossa imancipação. A classe precisa da maior união possivel. Precisa do amparo de todos os que se acham com maior força e coragem. Por isso recuar seria uma covardia, abandonar será uma traição.

Univos! e avante camaradas!

TERCIO MIRANDA.

A GUERRA E OS SOCIALISTAS

Se o momento que atravessamos é de uma grande lúta, em que os interesses do capitalismo são postos em duélo, no qual corre o sangue rubro de milhares e milhares de proletarios, e da contenda estes só podem tirar de resultado a miseria, tambem é de lúta para os socialistas, não patúando n'essa guerra desesperadôra e vergonhósa em que se debate uma grande parte da Europa, afirmando assim as suas convicsões de lutadores de um ideal sublime na estrada já percorrida, em que se tem mostrado na propaganda, que a guerra ao capitalismo deve ser a todas as óras, tendo igual campanha o militarismo por representar na sociedade o retrocesso!!

Prégamos a paz, a ordem, a justiça, principios de emancipação, e que se baseiam na sã doutrina de libertar o povo do jugo interesseiro de uma sucia de homens, que velhacamente, souberam arranjar riqueza á custa do suor do operario, mas, prégamos a revolução para conter nos devidos respeitos os desmandos tolos d'esses interesses, e não consentir que o operario, o povo, pége em armas para defeza d'aqueles que depois, não se importam que ele viva na miseria!...

Mas os pregadores socialistas, os que antes, diziam coisas sublimes em bem arquitetados discursos, arrancando das multidões anonimas fortes aplausos, dizendo do burguez em palavras retombantes, o que absolutamente são e do militarismo, que a sua organisação representa a tiranía, aparecem agora na guerra com armas na mão, patúando e aplaudindo o acontecimento d'essa órda de capitalistas, que querem para si o direito de maiores interesses no auferimento de luçros!...

E' vergonhoso!.:.

Hervé, o antigo e fogoso antimilitarista, que sofreu bastante no seu caminhar, no exterminio d'essa instituição militar, aparece agora como guerreiro das óstes burguesas. O parlamento francez aprova uma lei de repressão contra os antipatriotas, e os seus 70 deputados socialistas emudecem perante tal áto. Gorki o revolucionario russo, o escritor distinto, emfim, o acontecimento da literatura revolucionaria, acaba de se oferecer á França como voluntario. Os parlamentaristas alemães, sáem do seu territorio para pegarem em armas juntamente com os socialistas francezes.

E tantos outros fátos que enojam o nosso espirito, e de revolta se enche o nosso coração, que, a pêna não corre sobre o papel pela indignação que se apodera a quem estas linhas escreve, só para demostrar não o enfraquecimento do cerebro d'esses socialistas, mas para dizermos que lhes convêm, a presente sociedade, para o saciamento de *barriga!*

Quanto não seria mais nobre n'este momento, chamar a si os elementos libertarios e de commum acôrdo tentar um movimento grandiôso para atenuar este grande mal!... Digam sem repulsa: pegar em armas para defeza dos burguezes não enobrece a áção. Mas levantar um movimento de protesto, e lutar com sacrificio da propria vida, engrandece a causa da nossa doutrina! Por isso n'este momento só podemos dizer n'um grito de revolta:—Abaixo a guerra!

O Ideal Futuro

Quem quizer desenvolver-se como ser moral, deve fazer ezatamente o contrario do que lhe recommenda a Egreja e o Estado: deve pensar, falar, ajir livremente. São as condições essenciaes de todo o progresso.

«Pensar, falar, ajir livremente» em tudo! O ideal da sociedade futura, contrasdo com a sociedade atúal, precisa-se pois da maneira mais nítida. Pensar livremente! Com isto o envolucionista, feito revolucionario, separa-se de todo a egreja dogmatica, de todo o corpo estadual, de todo o agrupamento politico de clausulas obrigatórias, de toda a associação publica ou secréta, na qual o societário deve começar por aceitar sob pena de traição, li- maris incontestados. Não mais congregação para pôr no index os escrítos. Não mais reis nem princepes para ordenarem um juramento de vassalajem, nem chefe de ezercito para izijir fidelidade á bandeira; não mais ministro de instrução publica para ditar ensino, para designar até as passajens dos livros que o professor deverá esplicar; não mais comissão diréctora que ezerça a sençura dos omens e das coisas á entráda das «casas do povo». Não mais juízes para forçarem uma testemunha a prestar um juramento ridiculo e falso, implicando fatalmente um prejurio pelo simples facto de ser o proprio juramento uma mentira. Não mais chefe seja de natureza que fôr, funcionario, mestres, membros de comissão clerical ou socialista, patrão ou pai de familia, para se impôr como amo ao qual se deve obdiencia.

E. Reclus.

Francisco Ferrer

Resam as crónicas que o erdeiro presuntívo do imperio austriaco, ha pouco ezecutado na escravisada Bosnia, era um escelente rapaz com o cerebro todo cheio de macaquinhos a dansar o tango imperialista e a bater o fado da supremacia militarista. Afóra isto era um homem vulgar, vulgarismo mesmo, a que não lapejam um pequeno resquicio de genio ou talento.

Se não fossem as balas do estudante servio, viría a ser dominador de muitos milhões de homens, mas sómente, tão sómente, pelo acaso do nascimento, pelo direito divíno.

O gesto violento e talvez justo d'aquele servio eliminou-lhe a vida, sem que lhe valesse a onipotencia da sua posição e a divindade da sua origem.

E a guerra desencandeou-se, atirando uns contra outros milhões de homens.

* * *

Francisco Ferrer era a poderosa e racional organisação |do maior obreiro do futuro. Abria escolas, ensinava o culto da Liberdade, pregoava a sã e resplendente doutrina de que todos os omens são eguaes e se devem amar como irmãos.

Os vendilhões do templo, porém, odiavam-no.

E em nome d'aquele palido e doce nazareno que, diz-nos a lenda suave, derramava em jorros de luz os mesmos reflecsos de amor e justiça, condénam-no á morte.

Toda a umanidade se ergueu, suplice e unisona, pedindo que lhe poupassem a vida, que se não manchasse a civilisação com tão ediondo crime.

Mas a sentença havia de cumprir-se.

E cumpriu-se!

Simplesmente, o martír em vez de uma cruz redemtôra, teve as balas assassinas da ignominia; em vez do ar livre e embalsamado das montanhas do Calvario, teve os fóssos infétos de Montjuich.

E, então, não houve, como ôje ha, um mar de sangue que lavasse a nódoa tremenda de tal monstruosidade.

. . . .

Mas um dia o ómem ha-de ser verdadeiramente livre!

José da Mota Vieira.

Carta aberta a meu irmão.

Meu bom Abilio:

Ha algum tempo que não te escrevo. Desculpa. Não me queiras mal por isso. Agora, sim: escrevo-te, mas como nunca, com o mais ardente desejo de te abraçar, de te vêr perto de mim: é a nóssa carne irmã, o nosso sentimento de fraternidade, que tenta aprossimar-nos, para nos estreitar num só abraço.

O «Cabo submarino», esse aprefeiçoamento umano, que atravez do oceano, nos põe em contáto com as grandes distancias, dá-nos conhecimento da mobilisação do ezercito em Portugal.

A tristeza que em mim tem predominado, desde o primeiro dia da guerra, aumentou agora com a noticia de que as tropas das terras em que nascemos, vão sêr lançadas nessa luta fratícida, em que tanta jente tem morrido e continuará a morrer.

Orrôr! Parece que já estou vendo, milhares ou mesmo milhões de viuvas e orfãos, velhos invalidos abandonados pelos filhos mortos ou inutilizados, pelos efeitos de tão cruel carnificina. E que dilacerante dôr não sofreria eu, ao saber que tu irias tambem, como qualquer assassino ou bandoleiro, matar quem nunca te fez mal algum, quem nunca tu conheceste e quem sabe até se algum amigo mesmo, que porventura as circunstancias do momento, tenham colocado na sua frente como inimigo.

A nossa familia é forte. Nascida nas arejadas casas de campo, ou nas salubres habitações das vilas, não podia deixar de ter individuos, que aliassem á sua bondade a valentia e corajem. E tu não és um pussilanime. Provastel-o algumas vezes ao meu lado.

Eu vi-te inscrever no 1.º Batalhão de Voluntarios da Republica: foste dos primeiros. Mas agora sem duvida não farás isso, porque naquele tempo tratava-se de garantir um direito, conquistado pelo povo á custa de algum sangue e era preciso, que não se deixasse derramar mais uma gôta sequer. Agora trata-se dum interesse bem diferente. Trata-se, não da liberdade, do prestijio do povo, mas, do prestijio dos arjentarios insatisfeitos, que longe de suavisar as dôres e as maguas dos pequenos, aumentam ainda as suas chagas mortíferas. São estes os unicos culpados da grande calamidade que nos envolve e são estes que em vez de irem combater, mandam os filhos do povo. E assim eles, que tudo teem a perder, nem a vida arriscam. Mesmo vencidos são sempre vitoriósos.

Obrigado pelas «forças legais», não vais. Não és militar. E eu nunca me arrependerei de ter conseguido tal. Porém a «força arbitraria» póde obrigar-te. Não vás, meu irmão. Não procures matar, fazer mal áqueles que não sendo teus irmãos como eu, pertencem todavia á fraternal Familia Umana: e tu tens uma espôsa que ficaria em pranto e um filhinho que deixarias abandonado. Aceita antes o suicidio, porque eu prefiro tirar uma vingança, a chorar eternamente a tua vida de bandoleiro do Estado. Morre por um ideal, mas não por uma ambição criminosa.

Prefére a perseguição dum martir aos louros dum erói: este é um assassino ou um ladrão, aquele é simplesmente um justo.

Até bréve.

Manaus, 18 de Outubro de 1914.

Tercio.

A obra de Ferrer é imensa: 38 centros de educação racional, 38 centros de vida intelétual, saídos da terra, por seu esfôrço sómente, na Catalunha. Isto sem contar a Escola-mãe, a sua livraria, o seu Boletim. Milhares de creanças, aprendem a ser conscientes e bôas, e não escravos! Por isso se concebeu odio do obscurantismo.

Carlos Malato.

NO PORTO

CASA DO POVO

A imprensa indíjena noticiou, que na «Casa do Povo» daquela cidade, ao finalisar uma sessão de protesto contra a carestia da vida, se deram ali certos disturbios, agravados com a intervenção da força armada.

Nada disto nos surpreênde, mas simplesmente o caso dum jornal dizer, que a «Casa do Povo» devia ser o logar de reunião dos sindicatos federados, onde uma minoria insatisfeita, arrasta o povo ordeiro, patriota e calmo áqueles ecessos.

Lamentamos tratar-se dum colega onde contamos algumas simpatias e amisades, o certo é, que não podemos deixar de fazer uma pequena observação ao seu informador, para que no futuro seja mais ponderado e menos apaixonado, pois, não é bom julgar por suposições.

A «Casa do Povo» tem como caráter unico, o de *ensaios colétivistas*, ou mais praticamente, o cooperativismo. Devidi-se em duas secsões. A primeira tem uma quotisação de 2 c. (20 rs.) semanais, que dá direito á frequencia duma escola noturna e aos funerais do socio. Na segunda secsão é que encontramos o cooperativismo independentemente da primeira. O socio contribue com determinadas quoti-

sações, que vão constituir os fundos com que manteêm mercearias, depositos de calçado, fazendas, uma tipografia, etc.

Ora com o dinhero que ali se deposita, ou por outra, com vales levantados sobre o capital acumulado, pódem os seus associados fazer as suas transações em tais estabelecimentos. Os juros não são distribuidos, mas sim, empregados na ampliação da sua obra, e no dia em que o socio quizer quitar-se com a «Casa do Povo», em vez do dinheiro que ali depositou, tem direito apenas a levantar, em generos ou artigos, valores que lhe corresponda.

Como vê o informador do nosso colega, tal sociedade não é um organismo sindical-federativo.

O informador do nosso colega, que é a «Folha do Amazonas», confundiu a «Casa do Povo», no Porto, com a «Casa Sindical», em Lisboa. Enganou-se. Uma e outra são duas coisas muito diferentes. Eis aí a nossa observação.

Dois que se albardam

São dois que não aparelham pela cricunstancia de um d'eles ser *perneta!* Mas ainda pódem prestar algum serviço, puchando a qualquer carroça de algum pobre diabo que os aproveite para o serviço de carretos!...

Lazarentos! Cheios de fome, ao abandono, albardaram-se os dois ás ordens do *Chauvinismo*, que os montará todas as vezes que necessite!... Pobres d'eles!... Em tudo eles são pobres!... No espirito, na alma e no corpo!... O espirito obsecado de costumes ordinarios, conspurca-lhes a alma e o corpo lazarento, enoja quem os vê, sujeitando-se a quem os albardou!...

A gréve dos operarios do «Amazonas», que apezar de tudo, é mantida com verdadeira solidariedade, atravez de muitas semanas, junta mais dois traidores e d'aqueles que ha bem pouco tempo, o *albardeiro* incluia no estranjeirismo, para que reclamava a atenção da policia!

São dois que vão ter a *onra* de figurarem no quadro negro da traição e os seus nomes ficarão odiados por todos aqueles que vêm trabalhando pela sua emancipação!

Augusto dos Reis, um operario que trabalha como impressor na casa comercial do velho Lino e em quem nós operarios confiavamos, pelas suas palavras que pareciam sinceras, recebeu pelo serviço de pôr o prélo a funccionar a misera quantia de 30$000 réis!...

O outro, **Virgilio Carneiro** *o perneta*, mancando, não poderá com o repucho de fazer grandes caminhadas, porque, alem da albarda que lhe peza sobre o lombo, terá ainda o odio de todos aqueles que viram, na sua porca ação, um traidor descarado!

Ambos são de nacionalidade portugueza. Para que recebam o pago que merecem, e para os devidos efeitos, fazemos a sua apresentação, recomendando-os a todos os centros laboriosos.

Cumprindo o nosso dever de solidariedade, aqui fica o aviso.

UMA VITIMA

Liberdade!

Sônho de todos nós, palavra que parece um mito, mas que será uma realidade desde o momento que nós estejámos todos unidos, o sônho desaparece e nós veremos então a realidade, a liberdade, que todos nós aspiramos, a reivindicação dos nossos direitos.

Camaradas! nós todos devemos ir ao Sindicato, que é a nossa escola; é lá que vamos aprender a conhecer os nossos deveres; congregados, trabalharemos para o nosso idéal, para um dia alcançar a reivindicação dos nossos direitos, para alcançar esta liberdade a que tanto aspiramos.

Qualquer camarada, grafico, padeiro, alfaiate, sapateiro, ou doutra qualquer classe deve ir até ao seu Sindicato, deve ir até á sua escola, para compenetrar-se nos seus deveres: não deve temer as ameaças dos patrões, que é para um dia dizer bem alto:

Somos livres!
Somos libertos!
Abaixo a tirania!
Viva a liberdade!
Viva o socialismo!
Viva a Escola Moderna!

Manáos, 5—9—1914.

E. CAVALCANTI.

A religião é aliada natural do rico... Quem dis Egreja dirá sempre capital imobilisado, adoração, sustento de qualquer classe bonzos, sanguesugas dos trabalhadores.

CAMILLE PERT.

SULCOS...

Um suplemento.

Recebemos um «suplemento» saído d'uma tip. de Leiria e editado por um tal Moreira Rosa, donde respigamos o seguinte:

Os Sindicalistas e o Povo Portuguez—A sua atitúde louvavel perante a nova conspirata.

Os pescadores dáguas turbas, inimigos rancorosos do rejimem do Povo—Mario Monteiro, Moreira d'Almeida, Cunha e Costa e Machado dos Sautos.

Até que enfim!

....

Falharam os planos da clericalha.—Desta vez não conseguiram eles envolver nas suas rêdes o operario injénuo.

Viva o Sindicalismo!

Viva o operariado portuguez que emfim compreêndeu que só o governo de Afonso Costa, por seu pulso firme e por sua conduta patriota pode salvar o pais!

....

Vivam os Sindicalistas!

Viva o operariado que não se vendeu!

A obra do governo e as dificuldades que lhe tentam levantar.

Abaixo os inimigos da Patria.

O dr. Alfredo de Magalhães, ilustre diretór do «Rebate» oferece o seu apoio ao governo.

Haja coerencia.!

....

Isto é claro, são os titulos dos quadros apresentados, que nos deliciaram bastante, com a sua leitura *consubstanciosa*.

O resto é parecido e até parece que o original foi daqui!

Francamente, se o Motinha não levasse a mal, atreviamo-nos a preguntar-lhe se o tal suplemento era da sua lavra.

Socialistas alemães e italianos

Jornaes recebidos agora da Europa, informam-nos de que trez deputados socialistas ao Reichstag, resolveram ir a Italia, justificar o procedimento dos correligionarios na guerra contra a França. Dois ficaram pelo caminho, e o outro mais corajôso chegou ao seu destino. Monologou desculpas e referiu-se á *civilisação alemã*, etc.

Os italianos salientam a França

revolucionaria, que não era a pretendida inimiga da alemanha e acusam os socialistas tudescos de servirem as ambições do Kaizer.

Muito bem!

Mas como querem os socialistas italianos que os seus correligionarios vivam para alguma coisa mais? Olhem para o que fizeram na Italia, com a guerra do Oriente?

Ora!!! Ora!!!

Afinal socialismo de parlamentos é assim mesmo! São *amigos do povo*, mas antes de tudo olham o interesse do burguezismo.

E isto porque são *amigos do povo*...

O ómem das polacas.

Este ilustre Cavaleiro da Bolsa Alheia, que agora está elevado á categoria de capitão... da artilharia aliada, que fórma posições no montúro onde se publica o seu calabrez orgam de guerra, mais uma vez assustou o inimigo com os disparos... da sua circulação.

Certo inimigo, faz arremettida contra ele, mas querendo o capitão aproveitar as magras munições de reserva, do seu maquinismo assestado, deu fóra do alvo e quiz negar, que ao seu primeiro batalhão de *sapadores*, assapados com a sua abilidade, devêsse 6:000$000 dos seus *prets*. Estes *sapadores* que são os eis-operarios, que abandonaram a sua casa fazendo gréve, por lhe não pagarem, vêm com um boletim, em aussilio do outro, afirmando ser verdadeira a divida!!!

O' sr. Capitão! Seja caloteiro! seja ladrão! mas não mentiroso!!!

Todo o salafrario, ou o mais criminoso bandido, para ser digno do seu nome, não nega as suas façanhas! Seja digno!

O Pernêta do Amazonas.

O Pernêta ia duplicando a sua desgraça. Tôrto duma perna, como tôrto é nas suas áções, teve já a recompensa pela sua traição aos operarios que foram espoliados, na casa em que ele os substituíu.

Querendo mostrar valentias, de que fem fumaças, mas lonje dos seus adversarios, julgou que se saíria bem, investindo contra qualquer D. Quixote. E investiu contra o velho D. Quixote do Beco das Polacas. Mas este, que em vez de moínhos, viu logo um aleijàdo, arremeteu, não de lança em punho mas de punho sem lança, contra a cara de Pernêta.

Apanhou, não recebeu os *cobres* que tambem lhe roubaram e ainda foi pôsto fóra da porta!

Devia ser curioso! Curiosissimo!

O *cara de cavalo* até parecia jente a rir-se e o riso era éra tão *zimpátego* que parecia ter sido imprestado pelo *omem das polacas!*

Agora vamos nos rir mais e bastante. O Judas, que reêncarnou em Augusto, vái tambem apanhar, porque não ha muito ainda, lanzoava que quando o *coxo* apanhasse ele tambem apanharia.

Preocupção

O Santo André-Demoniz, anda bastante descontente com *Providencia-Divina*, porque depois de jurar ao seu Deus matar — mas matar a valer, não é istoria — Tercio Miranda, ainda não se lhe proporcionou o momento. Parece que os 12:000 maritimos que ele tinha para os auxiliar no *trabalhinho*, não estão dispostos a seguil-o por se ter servido do seu nome sem os consultar.

Pouca sorte, Santidade!

Monarquistas em Portugal

Os jornais desta cidade anunciam que nova conspiração monarquista acaba de ser sofucada em Portugal. Prisão atulhadas de delinquentes, padres forajidos na fronteira, o diabo. Isto sem faltar a senhora da alta sociedade.

Pelas informações que nos chegam sabe-se que a conspiração capitaneada por monarquicos, se tornou publica, com a recusa de marcha para a guerra, revoltando-se alguns rejimentos.

Mas no meio dos telegramas, dum jornal encontramos o seguinte:

«LISBOA, 23. — E' vóz corrente que em certos circulos oficiais se disse ôntem que o movimento revolucionario não era propriamente monarquico e que o governo lançou mão desse preteisto para mascarar o procedimento das tropas.»

Que será? Naturalmente o povo não se quis prestar a ser assassino, nem ser assassinado, em condições barbaras e sem razão. E logo foram vistos no seu meio os monarquistas.

Esperemos como tambem disse o nosso colega *O Lusitano*.

Novo rejimem de economias

A titulo de economias, fôi decretada a redução de salarios, para o pessoal da «Imprensa Oficial» tendo entrado já em vigôr tal decreto.

Agora perguntamos nós, — isto sem ofensa ao nosso camarada contemplado — que sistêma de economia é aquele, em que se reduz ao salario do pessoal, por um lado, aumentando o numero dos operarios por outro?

Não compreêndemos e lamentamos mesmo não podermos aprofundar a economia.

Será isto neo-economismo?

Na Casa do Povo do Pôrto

Diziam os telegramas da nossa imprensa, que o Porto tinha sido teátro de grandes disturbios, onde pelas balas, dos esbirros policiais e da guarda republicana, fôi môrto um operario, ficando feridos muitos outros. Mas o mais coriôso é que os correspondentes telegraficos nos informam, que o movimento principiou na «Casa do Povo» dando-se os incidentes referidos, nas suas imediações, como rua do Almada, onde é a sua séde, etc..

Ora dizem-nos os jornais recebidos no ultimo correio, que a reunião do povo, que protestava em massa contra a carestia da vida, fôi na Praça da Trindade que as «desordens» tiveram logar nas prossimidades do Governo Civil e nas ruas de S. João, Mousinho da Silveira e outras afluentes destas.

Parece que estes correspondentes se empenham na troca dos nomes das ruas! Pelo menos parece, porque todas elas ficam alguma coisa distante umas das outras.

Caramba! Se os *senadôres* do municipio do Porto soubessem desta troca de nomes eram capazes de supor, que esta troca era obra dos seus colegas da *minoria socialista*.

"Trust„ das padarias.

Os industriais de padarias, que sem motivo que o justificasse aumentaram o preço do pão, vendo gorada a iniciativa descarada dum monopolio, preparam-se para novas proêzas.

Muito sorrateira e mascaradamente, já conseguiram o limite de padarias, muito embora a *lei* consinta, que em determinadas condições se possam abrir novos estabelecimentos. Pois novas surprezas nos esperam!

Se o povo não abrir os olhos, está perdido.

Fóra com os seus inimigos!

Alerta!

CERES

Haja união

Quando o omem trabalhador apareceu no mundo de tantas mizerias, e quando com a sua força de vontade começou a engrandecer o globo, trabalhando e progredindo, não tinha em vistas outro idéal que não fosse o da liberdade.

São quase efémeras as ideias concebidas—não que não haja elementos de alevantados empreendimentos—mas têm fracassado pela falta de orientação e instrução e mesmo pelo entorpecimento e fraqueza manifestadas nos menos cultos; e porque ainda não está bem entendido o ponto terminal onde se encerram todas as luzes do espirito.

Este deve ser estudado cuidadosamente por todos os que servem de joguete aos parasitas, que nos tiranisam cinicamente e depois se riem de nós, emprestando-nos os epitétos que êles mereciam.

Desde o presidente da Republica até ao mais infimo subalterno, olham-nos de sosláio; na democracia, na burguezia capitalista, civil ou militar, encontram-se os nossos maiores opressores, defensôres intransijentes dos nossos algôzes e portanto nóssos inimigos de vida e mórte.

—Qual seria pois, o remedio capaz de curar radicalmente os males do operariado?

—E' muito simples. Mas a cegueira inconciente atravéssa-se entre o bem e o mal, resultando daí a calamidade que ôje ameaça a destruição dos obreiros mundiais.

Se ouvésse um pouquinho de pensamento no futuro, talvez o operariado tivesse um triúnfo, mas para isso é necessario, simples e escluzivamente, a união de todos.

Esta era facilima, se todos os esplorados tivessem uma conciencia nitida e não se deixassem ficar estorvados miseravelmente pelos esploradores do nosso suor.

Será porque temem a fome? Talvez. Mas desde que houvesse a união, jamais poderia ezistir tal temôr.

O operariado deixa-se ficar inerte como um corpo sem vida acreditando nas labias dos parasitas que nos roubam escandalosamente o suor que derramamos.

Lembrai-vos ó operarios, que sendo nós todos, os produtôres e fatôres de tudo, nada possuimos! Pois está aí um izemplo, para vós todos os que trabalham: numa oficina do governo, vivem atrasados no salario que além de mesquinho é incerto, pois ainda foram mais rebaixados, e todos ficaram satisfeitos como se lhes tivessem aumentado.

Se ouvésse união entre nós todos, (juro pela minha ônra) não teria acontecido tal.

Ontem fôram diminuidos os salarios, vós nada dissestes; amanhã, vos mandarão passear e nada pudereis dizêr.

E depois de tudo isto, ainda sômos odiados... Mesmo que o operario sofra, não deve sujeitar-se a medidas tão absurdas, por principio algum.

Sômos operarios e sômos irmãos: sejamos unidos, apaguemos da memoria os ressentimentos antigos e marchemos para alcançar a nossa felicidade.

A união faz a força e contra a força não ha resistencia.

Manaus, 6—10—914.

M. ARNALDO.

Gustave Hervé

Este antigo antimilitarista tem dado motivos devéras propícios, para a imprensa mercenaria morder nos revolucionarios e impinjir as suas lôas patrioticas.

Todos os jornais se teém referido a Hervé, apontando-o como anarquista ezemplar, revolucionario e não sei que mais. Nisto se vê um grande desconhecimento da materia de que se ocupam, ou então, o requinte e a má fé, com que querem baralhar tudo.

Hervé nunca foi anarquista. Teve ha anos o apoio dos anarquistas e dos revolucionarios sociais, na sua propaganda contra o militarismo e limite de fronteiras. A propria imprensa burguesa, nesse momento, agussava a coriosidade publica, em paginas inteiras, com o seu *érveísmo*. Mas as suas edeias, que nessa epoca o levaram á prisão onde, devia permanecer onze anos, dirijiam-se simplesmente para a unificação europeia.

Ha dois annos aprossimadamente, que Hervé está desligado de todo o elemento revolucionario. Certas duvidas sobre o seu caráter fôram confirmadas ao fim de uma apertada vijilancia. E depois duma intervista suspeita na *Santé*, onde estava encarcerado, vinha a «Guerre Social», num artigo seu, desmentindo as tão apregoadas doutrinas. *Leurs patrie*, tinha sido um engano e como os juizes não previram tal erro, receberam nessa occasião a prova da sua incompetencia, com a *anistia* decretada, pelos seus ierarquicos amos, em favor do perigoso e falso revolucionario.

Cremos que em face disto, não ha mais motivos para admiração, por tão virtuôso intruso se ter oferecido ao ministerio da guerra, para ir combater e matar aqueles que antes considerava como irmãos de uma só nação. E cremos ainda que «La Guerre Social», não servirá mais para alvo das arremetidas de alguns adversarios nossos, em ezemplos de anarquismo.

VIDA SINDICAL

Graficos

Estes camaradas, segundo parece, estão no proposito de nunca serem livres. Parece que querem aumentar a sua situação de miseria e escravidão.

Coisa lamentavel! A classe tipografica é a classe da luz, mas não enxerga!

E' tal o desanimo destes camaradas, que inspira sérios cuidados.

São iludidos com promessas burguesas e não pensam que todo o ómem deve ser livre, esperam melhorár de situação sem trabalhar em seu favor!

Têm pretenções altaneiras, orgulho e preconceitos tôlos e não se lembram que são as vítimas. São ecessivamente ignorantes e julgam-se sabios! Tempos ainda virão, que eles se arrependerão da sua inconsciencia malévola.

Esquecei este orgulho! Enxergai um palmo adiante! O peior cégo é aquele que não quer vêr!

Acordai camaradas!

Panificadores

Continúam progressivamente os trabalhos do Sindicato desta classe. E' sem duvida a mais florescente das agremiações operarias.

Em sessão solene, foi dáda posse ao Conselho Sindical e nomeados por assembléa geral, delegados, nas diversas padarias, para sindicar o movimento dos seus agremiados e fazer a propaganda associativa.

Os patrões que já lhes cercearam algumas regalias, pretendem prejudical-os mais, porem estes não estão ainda dispostos a isso.

Completamente satisfeito, pelo seu progresso, alvejo que continue na senda que vai trilhando.

Segui companheiros.

Sapateiros

Ufano-me com a atitude, assumida por esta classe, que a convite do Comité «Obreiros Unidos» se reuniu, comparecendo na sua sessão inaugural grande numero de camaradas, com idéas de liberdade, ficando daí organisada uma agremiação de resistencia, assente nas mesmas bases dos sindicados aqui organisados pelo mesmo comité.

Não posso deixar de ipotecar a minha solidariedade a estes camaradas, que com tanto entusiasmo se organisam.

Marchai!

REVOLIT.